

UMA VISITA INESPERADA: A REPRESENTAÇÃO DO AFRO-BRASILEIRO EM UM CONTO DE LUÍS SILVA

Francielle Suenia da SILVA
Universidade Federal de Campina Grande
Maria Marta dos Santos Silva NÓBREGA
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

Neste trabalho, discutiremos algumas questões da literatura negra no Brasil a partir do conto *Visita*, bem como as características presentes nesses escritos, a exemplo da fusão do eu enunciador com o eu sujeito da história. Além disso, apresentaremos uma sugestão de trabalho em sala de aula do conto mencionado acima. O negro brasileiro foi vítima de crueldades como um objeto sem alma, sem vontades, sem capacidade intelectual do qual era aproveitado apenas o esforço físico. Além disso, era tratado como um ser sem cultura e seus cultos religiosos pagãos deveriam ser modificados para os costumes cristãos católicos. Mesmo assim, esse grupo étnico buscou e busca igualdade de direitos através da educação e da arte em suas diversas formas de manifestação. Uma das formas de resistência é a escrita de uma literatura em que o negro tenta modificar a forma preconceituosa com a qual é vista pela sociedade, com o objetivo de desmistificar os estereótipos a ele relacionados. Ao passo que se torna escritor literário, ele abre perspectivas para a mudança e para o desenvolvimento de seu grupo étnico-racial. A discussão sobre o que é literatura afro-brasileira, o que determina um texto literário como tal, os quesitos considerados para classificá-lo passaram por formulações e reformulações ao passar do tempo, e com o aumento do número de escritores e textos que abordavam essa temática. Zilá Bernd (1988, p. 22) defende que a literatura afro-brasileira não é restrita “à cor de pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um *eu* enunciador que quer ser negro” e a pesquisadora ainda diz que ela está presente nos “textos em que for nítido um certo modo negro de ver o mundo” (BERND 1987, p. 16). Sendo assim, a literatura afro-brasileira é aquela na qual o negro é colocado em evidência com o objetivo de romper uma construção histórica desse sujeito a fim de apresentar uma nova condição no meio social. Falar da literatura do negro brasileiro é falar de resistência pela palavra que ganha novos significados ao retomar um passado ancestral africano, no objetivo de fortalecer a ideia de constante mudança do presente a fim de garantir um futuro com mais direitos. Além disso, ela busca modificar uma representação cristalizada pelos estereótipos da sensualidade, do

bondoso e ingênuo, do arreado, do detentor da força física e do incapaz intelectual. A partir disso, pensamos em uma sequência de leitura cuja finalidade é a de fazer com que os alunos observem características do texto literário a partir de uma leitura atenta às pistas dadas pelo narrador para a representação das personagens. No primeiro momento dessa intervenção, seria realizado o levantamento de horizonte de expectativas do aluno, por meio de expressões que contêm preconceito explícito. Logo após, iniciaria a leitura do conto *Visita*, sem entregá-lo à turma, com o objetivo de incitar nos alunos a elaboração de hipóteses sobre a continuidade do texto. Em seguida, com o texto em mãos, os alunos comentariam o que mais chamou atenção no texto, quais expressões utilizadas pelo narrador eles destacariam. Após a discussão sobre a atividade realizada, seria enfatizada questões como a importância que as cores apresentam no texto: de que forma elas auxiliam na representação e identificação dos grupos/personagens. Para a realização desta pesquisa utilizaremos Bernd (1987; 1988), Santos e Wieliwichi (2009), Liebig (2010) e Duarte (2014).

UMA VISITA INESPERADA: A REPRESENTAÇÃO DO AFRO-BRASILEIRO EM UM CONTO DE LUÍS SILVA

Francielle Suenia da SILVA
Maria Marta dos Santos Silva NÓBREGA
Universidade Federal de Campina Grande

E NO INÍCIO ERA ASSIM...

O negro brasileiro foi vítima de crueldades, a exemplo do período escravocrata no qual não era considerado como pessoa, mas como um objeto sem alma, sem vontades, sem capacidade intelectual do qual era aproveitado apenas o esforço físico. Além disso, o negro era tratado como um ser sem cultura e seus cultos religiosos pagãos deveriam ser modificados para os costumes cristãos católicos. Mesmo assim, esse grupo étnico buscou e busca igualdade de direitos através da educação e da arte em suas diversas formas de manifestação.

Com esses pensamentos, mesmo após a abolição da escravatura e a chegada do século XX, o cidadão afro-brasileiro foi deixado à margem, esquecido pela maioria dominante que permanecia na supremacia social e intelectual. Não era dada aos negros uma oportunidade para que reivindicasse por direitos, portanto, eles continuavam oprimidos, esquecidos e sendo acompanhados por uma sociedade racista que continuava inferiorizando os cultos afro-brasileiros, bem como sua capacidade intelectual. Era como se “os negros, forçados a cruzar os mares como escravos, tivessem deixado na costa africana todos os seus sistemas, formas, elementos e práticas culturais e religiosas” (SANTOS; WIELIWICHI, 2009, p. 343).

No entanto, foi em uma das manifestações artísticas que o negro mostrou sua inteligência. Ao passo que se torna escritor literário, ele abre perspectivas para a mudança e para o desenvolvimento de seu grupo étnico-racial. Desde o poeta Luís Gama, passando por Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis, Cruz e Sousa, Lima Barreto e Solano Trindade, até os escritores contemporâneos a exemplo de Oliveira Silveira, Cuti, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, a história do negro aliada à sua ancestralidade apresenta aos leitores suas percepções de mundo, seu cotidiano, o espaço que ocupa na sociedade e como ele é visto por ela. Conforme apresenta Liebig (2010, p. 164)

nossos escritores negros estão procurando, há certo tempo, uma forma de representar uma concepção étnica não coerciva mais diversa, que vá de

encontro ao discurso político-cultural dominante que [justamente por ser hegemônico] não pode ser totalmente apresentado como étnico.

A partir desta afirmação, nós pretendemos, neste artigo, apresentar a literatura afro-brasileira contemporânea e as formas de resistência apresentadas por essa minoria étnico-racial através da palavra, a partir do conto *Visita* de Cuti. Para tanto, discutiremos algumas questões da literatura negra no Brasil e as características presentes nesses escritos como a fusão do eu enunciativo com o eu sujeito da história, e a memória do povo que pode remeter tanto ao passado em que o negro era tratado como escravo como à ancestralidade africana.

A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E SUAS PARTICULARIDADES

A discussão sobre o que é literatura afro-brasileira, o que determina um texto literário como tal, os quesitos considerados para classificá-lo passaram por formulações e reformulações ao passar do tempo, e com o aumento do número de escritores e textos que abordavam essa temática. Zilá Bernd (1988, p. 22) defende que a literatura afro-brasileira não é restrita “à cor de pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um *eu* enunciativo que quer ser negro” e a pesquisadora ainda diz que ela está presente nos “textos em que for nítido um certo modo negro de ver o mundo” (BERND 1987, p. 16). Sendo assim, a literatura afro-brasileira é aquela na qual o negro é colocado em evidência com o objetivo de romper uma construção histórica desse sujeito a fim de apresentar uma nova condição no meio social.

Candido (2000, p. 162) aponta que a literatura é uma forma de “organização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada”. Podemos entender que é a partir de um conjunto de regras criadas pelo autor para a produção literária que almeja produzir que a literatura se constrói e vai tomando forma.

Uma dessas regras, na literatura negra do Brasil, é a da junção entre a voz do escritor com a do sujeito protagonista do texto. Por isso, encontraremos nas obras momentos de “exaltação amorosa e também versos denotadores de introspecção e indagação do ser e do estar-no-mundo. Essa subjetividade refere-se aos sentimentos, à interioridade, à introspecção, opondo-se ao mundo objetivo e aos outros sujeitos” (AUGEL, 2014). O escritor negro mistura-se ao contexto da obra com o objetivo de fazer refletir sobre seu papel na sociedade.

Segundo a pesquisadora Zilá Bernd (1988, p.87) “a identidade da poesia negra brasileira é dada principalmente pela intenção que contém de recriar e de reconstruir um mundo que seja diferente do mundo dos brancos”, isso justificaria o motivo pelo qual o cotidiano do negro brasileiro é um dos principais elementos apresentados pelos textos; além de seu ponto de vista em relação de como a sociedade lhe vê e vice-versa. Essa nova forma de escrever modifica o local do negro na literatura, bem como na forma de ler o texto, uma vez que o leitor pode se identificar com a história, através do modo de escrita utilizado pelo escritor-personagem que adquire o posto de porta-voz de uma coletividade.

Esse novo jeito de escrever literatura pode desenvolver uma mudança na relação texto-autor-público, pois nesse tornar-se porta-voz

o sujeito se constitui não apenas no ato individual de produção da significação, mas também pela atuação do leitor que, ao interpretar, acrescenta sentido à fala do poeta. Isto explica a recorrência da modalidade de injunção, através da qual o leitor é convidado a aderir ao projeto de escritura do enunciador, o que é determinado pela pressuposição de que há um leitor partilhando a mesma situação (BERND, 1987, p.134).

A partir disso, observamos que há um desenvolvimento de identidade compartilhada, uma vez que texto, autor e leitor são as três unidades que, juntos, no ato da leitura, atribuirão sentido à história de um povo.

A linguagem dos textos é outra maneira de se quebrar com a forma vigente na literatura. Na literatura afro-brasileira essa característica apresenta-se como carregada de teor político e social que será ressaltada por “ritmos, entonações, opções vocabulares e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua” (DUARTE, 2008, p. 18). Assim, a língua, a partir da sua mobilidade e a pluralidade de significados e os recursos que dispõe aos seus usuários, faz-se principal porta-voz da cultura do negro brasileiro bem como de sua resistência.

A representação do negro na literatura feita por brancos, quando feita, não favorecia a imagem desse sujeito de modo que ele era retratado ora como um ser dócil, uma espécie de animal domesticado, ora como alguém em que só existia a força física, como uma fera do mato. Esse é um dos motivos pelo qual o afro-brasileiro, ao se tornar escritor de sua própria história, inicia sua resistência apresentando um protagonista negro humano. As personagens dos textos literários afro-brasileiros se posicionam como um denunciador das questões

vivenciadas pelo seu grupo, por sua comunidade; elas verbalizam as injustiças e as irregularidades, as condições do negro na sociedade e o preconceito racial, religioso, cultural a eles dirigido.

Além disso, a literatura procura desmistificar uma visão estereotipada dos negros na sociedade e que também está presente em obras clássicas da literatura: a questão da sensualidade mais latente no corpo da mulher negra, evidenciado pelo tamanho de seus quadris, dá lugar a uma mulher que é reconhecida por seu caráter e valores; a versão do negro bondoso e obediente contra o dissimulado e interesseiro abre espaço para um sujeito que tem, ao mesmo tempo, qualidades e defeitos e os usa da forma e quando achar oportuno em vista de um bem coletivo; as características físicas geralmente relacionadas como problemas femininos, a exemplo do cabelo cacheado ou crespo, o tamanho do maxilar inferior e do nariz que costumam ser considerados feios ou ruins, no caso do cabelo, são substituídos por personagens que aceitam seu corpo sem a necessidade de intervenções ou padronização estética. Portanto, “a luta do negro por representatividade tem como foco principal o grau de feitchização, objetificação e figuração negativa que formam o arcabouço da sua representação na sociedade” (LIEBIG, 2010, p. 163) para modificar e reconstruir sua imagem.

Outra forma de a literatura afro-brasileira romper com padrões vigentes é o resgate da memória, pois “é preciso que se retome o discurso histórico a fim de que, diversificando o olhar, multipliquem-se as perspectivas” (TIBÉRIO, 2009, p. 62). Desse modo, ampliam-se as formas de compreender o presente bem como o porquê de construir relacionando-o com o passado. Ao retomar a história, o texto recupera a origem cultural dos descendentes de africanos no Brasil, a história de um povo; se o retorno no tempo se dá para o período da escravidão, o autor introduz personagens que são símbolos da resistência, como Zumbi, a fim de apresentar a bravura do negro em momentos de dificuldade.

Santos e Wieliwichi (2009, p. 346) apontam este fato como uma busca da identidade:

a literatura afro-brasileira reflete-se na busca da identidade negra no Brasil e no seu fortalecimento. Isso se caracteriza no resgate da História e na reconstituição de aspectos ligados à cultura negra através de um olhar que não é mais o do colonizador e do dominador, o qual tenta opacificar a presença do negro na construção da mesma, mas através do olhar do negro como agente.

Isso explica o fato de muitos textos contemporâneos trazerem figuras históricas, como o pai João e a mãe preta que representam a ligação do negro brasileiro com a África, através da sabedoria dos mais velhos, dos costumes e da religião.

ANALISANDO A VISITA

O conto que será analisado está presente no livro *Contos crespos*. Os trinta e sete textos contidos no livro foram escritos pelo poeta, cronista, teatrólogo Cuti (pseudônimo de Luís Silva). Ele foi um dos fundadores e membro do grupo Quilombhoje e dos Cadernos Negros.

O texto conta a história de um grupo de negros que estavam sentados ao redor de uma fogueira à noite. Podemos perceber que nas primeiras linhas, a linguagem nos remete, a partir da reflexão das personagens, ao período da escravidão: “estávamos em volta da fogueira, analisando as labaredas azuladas de angústia e refletindo sobre os estalidos da covardia” (CUTI, 2008, p. 195). Neste trecho, a palavra *estalido* lembra o som dos chicotes batendo nas costas dos negros, além disso, a palavra *covardia* aponta a opinião dos negros sobre o comportamento tanto do senhor que mandava açoitar quanto do capataz que obedecia às ordens do seu patrão.

A plurissignificação da linguagem também está presente na junção das palavras lua e negrume, no trecho “uma lua à toa dormia no negrume” (idem); aqui, podemos deduzir que o negrume pode se referir tanto a uma noite escura quanto à lua que passava pelo céu durante a reunião do grupo de negros. O jogo com cores continua ao longo do texto e a chegada do visitante reflete isso. Ele aparece como alguém de olhos claros, que olhavam apavorados às pessoas ao redor, e como alguém a quem o vermelho da cor da pele se intensificava com o brilho da luz da fogueira. Neste ponto, o texto nos dá o primeiro indício de que o visitante é um homem muito branco que chegava a ponto de ter o rosto corado por natureza.

No parágrafo seguinte, o narrador diz que ele não era o primeiro a visitá-los e explica a situação: “era um daqueles que tantas vezes haviam vindo na mesma circunstância: aproximavam-se, encostavam suas garras em nossos cabelos e pele, e fugiam emitindo grunhidos terríveis” (idem). Com essa explicação, podemos perceber uma mudança na representação do homem branco e do homem negro: se, antes, o tratamento dado ao negro era o de bicho, aqui ele é representado como ser humano civilizado; quem assume o comportamento de animal é o branco que possui garras e emite grunhidos. Permanece a ideia

de que é o homem civilizado quem é agredido, porém muda-se a figura de quem se comporta de modo civilizado e quem assume o modo de viver através de instintos.

No parágrafo seguinte, a descoberta do visitante o deixa perplexo e horrorizado: ao observar melhor aqueles que cercavam a fogueira, ele percebe que não se trata de um grupo de feras, mas sim de pessoas. Este fato confirma o pensamento de que, para os brancos, os negros eram animais, coisas, objetos que poderiam ser domesticados ou retirados de seu lugar sem que isso lhe causasse dano. Por isso, a perplexidade do visitante no instante em que percebe que não era um grupo de animais, por causar uma ruptura com os ensinamentos recebidos por ele desde criança e que era alimentado ao passar do tempo com os seus semelhantes que visitavam a terra dos negros sem perceber que se relacionavam com pessoas.

No entanto, essa reação de perplexidade do branco ao descobrir o evidente não foi bem vista pelos negros. Eles ficaram revoltados com essa atitude e, sem fazer esforço físico ou gesticular algo em direção ao homem que permanecia de costas para a fogueira, apenas com um sentimento foram capazes de matar o visitante. A indignação foi a expressão de revolta utilizada para golpear mortalmente o homem que, em seguida, foi assado e servido como comida para os cães, os verdadeiros animais presentes no texto.

O fogo que serviu para representar a angústia do povo negro no tempo da escravidão e para aquecer e clarear a noite daqueles que estavam refletindo sobre os tempos em que atitudes de covardia e repressão eram direcionadas a eles, foi o mesmo que queimou um representante da cultura dominadora que causou prejuízo no passado e, ainda no presente, se mostrava ameaçadora.

VISITA EM SALA DE AULA

Após as considerações críticas e a análise do conto, apresentamos, aqui, uma proposta de intervenção em sala de aula para o conto estudado. A finalidade da sequência é a de fazer com que os alunos observem características do texto literário a partir de uma leitura atenta às pistas dadas pelo narrador para a representação das personagens.

A turma sugerida para o desenvolvimento dos encontros é de 1º ano do Ensino Médio. Escolhemos esse ano da escolaridade por que consideramos o tipo de narrativo apropriado para a turma, tendo em vista que a iniciação com gêneros literários narrativos mais longos, como a novela e o romance estão mais ligados ao segundo ano desta mesma etapa.

O nosso objetivo é de que, em dois encontros ou duas aulas, os alunos iniciem uma reflexão em torno da representação do negro e do branco na literatura, a partir do conto *Visita*. E, além disso, observar como eles recebem textos literários que apresentam o negro brasileiro como protagonista, uma vez que em muitos textos da literatura brasileira é dado ao negro o papel de personagem secundária.

No primeiro momento dessa intervenção, o professor faria o levantamento de horizonte de expectativas do aluno, por meio de expressões que contêm preconceito explícito. Logo após, iniciaria a leitura do conto *Visita*, sem entregá-lo à turma, com o objetivo de incitar nos alunos a elaboração de hipóteses sobre a continuidade do texto.

Em seguida, o professor entregaria a cópia do texto lido aos alunos pedindo para que eles comentassem o que mais chamou atenção no texto, quais expressões utilizadas pelo narrador eles destacariam e, a partir desse fato, pensar no motivo pelo qual não estaria graficamente explícita a cor das personagens. Essa atividade inicial serviria para que o aluno observasse como os personagens são descritos e a posição que eles ocupam no texto.

Após a discussão sobre a atividade realizada, na segunda aula o professor enfatizaria questões como a importância que as cores apresentam no texto: de que forma elas auxiliam na representação e identificação dos grupos/personagens. Além disso, verificar de que forma o narrador associa pessoas a animais.

A nossa proposta é inicial, pois temos consciência de que não é possível, em apenas duas aulas, fazer com que o aluno reflita, de forma mais aprofundada sobre o assunto, tampouco observar características formais do texto. Por isso, sugerimos que o professor, antes de aplicar essa sequência, já tenha iniciado um trabalho com a literatura negra em sala de aula e, com o término da sequência, observe de que forma a inserção dessa literatura contribuiu para a melhora do nível de leitura e análise literária do seu aluno.

CONSIDERAÇÕES DE AGORA

A dança, a culinária, a literatura e outras manifestações artísticas e culturais foram algumas das formas utilizadas pelo afro-brasileiro na tentativa de modificar uma realidade de opressão, marginalização e esquecimento. Mais que isso, eram modos de construir uma identidade individual através da coletividade, da representação de um povo que buscava “uma maneira própria de praticar a cultura” (BERND, 1987, p. 151). Na literatura afro-brasileira, as histórias das personagens confundem-se com a realidade do escritor e de todo um grupo étnico.

Falar da literatura do negro brasileiro é falar de resistência pela palavra que ganha novos significados ao retomar um passado ancestral africano, no objetivo de fortalecer a ideia de constante mudança do presente a fim de garantir um futuro com mais direitos. Além disso, ela busca modificar uma representação cristalizada pelos estereótipos da sensualidade, do bondoso e ingênuo, do arreado, do detentor da força física e do incapaz intelectual.

Também constrói um sujeito literário participante e ativo nas decisões da sociedade e, principalmente, do seu grupo étnico; alguém que conhece o passado do seu povo, que professa uma religião criada por seus ancestrais, e não tem vergonha de seu cabelo crespo ou nariz achatado. Essas mudanças na representação do negro na literatura ocorrem, não só pelo fato de ser um negro escrevendo sobre si e para o seu povo, mas também é um reflexo das mudanças desse sujeito na sociedade.

A literatura afro-brasileira é, por natureza, uma literatura social, uma forma de fazer-se ser ouvido; é um meio pelo qual o negro brasileiro apresentou-se à sociedade da forma como eles gostariam de serem vistos pelos demais. O grito de liberdade que ainda ecoa nos ouvidos dos descendentes de negros no Brasil transformou-se em palavras escritas que atravessam barreiras de preconceito e exclusão, com o objetivo de chegar aos olhos e ouvidos de todos que se interessam em conhecer uma nova visão do negro na literatura.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. **“E agora falamos nós”**: literatura feminina afro-brasileira. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro>>. Acesso realizado em 31 de janeiro de 2014.

BERND, Zilé. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 3. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 2000.

CUTI, Visita. In: **Contos crespos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**. 2008. Disponível em <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2017/1590>>. Acesso realizado em 31 de janeiro de 2014.

LIEBIG, Sueli Meira. O autor negro e a reinvenção da literatura. In: _____. **Raça, mito e resistência**. João Pessoa: Edições Fotograf, 2010.

SANTOS; Célia Regina dos; WIELIWICHI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.

TIBÉRIO, Fabiana Francisca. **Literatura afro-brasileira, história e memória**: algumas considerações sobre A Noite dos Cristais. 2009. Disponível em <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17B/TRvol17Bf.pdf> Acesso realizado em 31 de janeiro de 2014.